

**A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN:
NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD
EM ANNIE HALL (1977)**

***WOODY ALLEN'S SERIOUS COMEDY:
NEW YORK AS LOS ANGELES'S DENIAL/HOLLYWOOD IN ANNIE
HALL (1977)***

Roberta do Carmo Ribeiro¹ (UEG)

Resumo: O presente artigo trabalha a evolução das representações de Nova York no cinema de Woody Allen, destacando o que chamo de Tetralogia de Nova York, uma série de longas-metragens que formam um conjunto coerente onde a cidade é usada como cenário para se discutir determinadas concepções de narrativa, visão de história e perspectiva de memória. O foco é o filme *Annie Hall* (1977), o primeiro que transforma a cidade em personagem. Em *Annie Hall* (1977), a cidade de Nova York é comparada a Los Angeles, estando Los Angeles num lugar de inferioridade: enquanto Nova York é uma cidade viva e real, Los Angeles seria uma cidade artificial e movida pela vaidade.

Palavras-chave: Woody Allen. Cidade. Nova York. Los Angeles.

Abstract: *This article discusses the evolution of Woody Allen's representations of New York in cinema, emphasizing what I name New York Theatrology, a series of feature films that shape a coherent compilation where the city is used as the scenery to discuss specific narrative models, with a determined vision of History and memory perspective. The focal point is the movie Annie Hall (1977), the first work to turn the city into a character. In Annie Hall (1977), New York City compared to Los Angeles, with Los Angeles on an inferiority place: while New York is a living and real city, Los Angeles is an artificial one, fed by vanity.*

Keywords: *Woody Allen. City. New York. Los Angeles.*

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Mestra em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui Especialização em História Cultural: Imaginário, Identidades e Narrativas pela mesma instituição (UFG). É graduada em História pela Faculdade Alfredo Nasser (2010). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: roberta.ribeiro@ueg.br

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

1. A Tetralogia de Nova York: entre a cidade real e a cidade ideal

Com o lançamento do filme *Annie Hall*, em 1977, Woody Allen deixou de usar Nova York apenas como cenário e passou a refletir sobre a cidade. Ela se tornou personagem recorrente em sua filmografia e, o mais importante, um personagem que evoluiu, que mostrou diferentes facetas de filme para filme ao longo dos anos.

O período entre a segunda metade da década de 1970 e o final da década de 1980 costuma ser apontado por críticos de cinema e biógrafos de Woody Allen como o mais criativo e contundente de sua produção. Considero que foi ao longo desse intervalo de pouco mais de dez anos que o cineasta criou o que designo como Tetralogia de Nova York², composta por *Annie Hall*,³ de 1977, *Manhattan*, de 1979, *Hannah e Suas Irmãs*, de 1986, e *Crimes e Pecados*, de 1989.

Marc Bloch recorda que

o recorte mais exato não é forçosamente o que faz uso da menor unidade de tempo – se assim fosse, seria preciso então preferir não apenas o ano à década, mas também o segundo ao dia. A verdadeira exatidão consiste em se adaptar, a cada vez, à natureza do fenômeno considerado. Pois cada tipo tem sua densidade de medida particular e, por assim dizer, seu decimal específico. (2001, p. 150).

Nesse sentido, é importante lembrar que Woody Allen produziu filmes que se passam em Nova York antes de *Annie Hall*, contudo, é apenas a partir dessa obra que a cidade deixou de ser um cenário, plenamente substituível se fosse o caso, para ser um personagem estrito da narrativa. Da mesma forma, Nova York reaparece na obra de Allen diversas vezes após *Crimes e Pecados*, mas não mais com a mesma força dramática, consistência narrativa e, sobretudo, como parte de uma proposta consciente de reflexão sobre a cidade.

² O uso da expressão Tetralogia de Nova York é uma referência à Trilogia de Nova York escrita pelo autor norte-americano Paul Auster, composta pelos livros *City of Glass*, de 1985, *Ghosts* e *The Locked Room*, ambos lançados em 1986. Os três romances compõem-se de narrativas que misturam elementos de mistério, policial e suspense.

³ O título brasileiro do filme é *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*. Nós o consideramos esteticamente equivocado e, o que é mais importante, ele induz o espectador ao erro, considerando que os personagens protagonistas em momento algum se tornam noivos. Ao contrário, a instituição do casamento é problematizada pelo filme e há inclusive a recusa de um pedido de casamento. Portanto, optamos, neste caso específico, por usar o título original como forma de referência.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

Portanto, se é fato que Woody Allen transformou Nova York em personagem de seus filmes, é preciso considerar que tal representação não foi estanque ou despida de nuances. Se inicialmente ela surge como uma cidade perfeita, ideal e utópica, lentamente vai ganhando tons mais sombrios, numa evolução que dialoga com o conceito de “cidade real e cidade ideal” do crítico de arte italiano Giulio Carlo Argan (2005), baseado na ideia de que a cidade ideal é o elemento de medida para se pensar e projetar a cidade real.

Conforme demonstrado anteriormente, Woody Allen não começou sua carreira cinematográfica colocando-se essencialmente como um cineasta de Nova York. O início de sua trajetória artística desenvolveu-se segundo as especificidades da indústria do cinema sediada em Hollywood, na costa oeste dos Estados Unidos. Atuou e escreveu o roteiro de alguns filmes de grande orçamento antes de estrear no comando de uma produção pequena. Seu primeiro filme, *O que há, Tigresa?*, de 1966, foi basicamente um exercício estético de montagem a partir de dois longas-metragens japoneses. O segundo, *Um Assaltante Bem Trapalhão*, de 1969, tem Nova Jersey como principal cenário. Como mencionado, apenas em seu terceiro trabalho na direção, *Bananas*, de 1971, Nova York surge como ponto de partida das aventuras do protagonista na América do Sul. A mesma presença circunstancial da cidade é observada em seus filmes subsequentes, até a mudança ocorrida em *Annie Hall*, considerada sua primeira obra de maturidade artística. Em outras palavras, “em 1977, Woody decidiu largar Hollywood e fixar-se na sua querida Manhattan” (LEÃO, 2006, p. 342).

Significativamente, *Annie Hall* representou o início de um processo de afastamento estratégico de Woody Allen da estrutura corporativa dos grandes estúdios de Hollywood, sediados em sua maioria nos arredores da cidade de Los Angeles. Ao longo de toda a duração de *Annie Hall*, de modo explícito e incorporado à sua narrativa de comédia romântica, há críticas e piadas ao “estilo de vida descolado” californiano. Woody Allen contrasta o espírito cosmopolita e intelectualizado de Nova York com o que considera a existência banal, superficialmente espiritualizada e hedonista amplamente observável e difundida em Hollywood. De certo modo, *Annie Hall* é um retrato comparativo entre as duas cidades. E também um registro irônico das realidades espelhadas de Nova York e Los Angeles.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

Essa crítica é tão evidente e recorrente que parece constituir a própria motivação para a feitura do filme. Motivações como essas não são necessariamente incomuns.

Um filme compõe-se de diferentes intenções persuasivas: pode querer emocionar, divertir, convencer do erro, propor uma nova visão da realidade humana. Para obter seus objetivos, um filme prescinde de uma intenção necessária: o espectador/ouvinte não deve abandonar a projeção/comunicação. A retórica está presente no processo de construção do texto fílmico, bem como na análise dos mesmos. (QUINSANI, 2015, p. 91).

Nesse sentido, Woody Allen, ao filmar as duas cidades, criou um documento histórico, embora conscientemente partidário, das mesmas. Uma história do tempo presente da América moderna, para traçar uma aproximação com a noção de “Cineasta-Historiador”, conforme apresentada por Rosenstone (2009).

Mas os filmes de Woody Allen são, acima de tudo, narrativas sobre personagens. Isso explica a importância do espaço urbano se tornar reconhecível com o *status* de um personagem. Em *Annie Hall*, logo no começo, o protagonista, um comediante *stand up* chamado Alvy Singer, interpretado pelo próprio diretor, é estabelecido em suas linhas gerais em um longo diálogo com um amigo, Rob, enquanto caminham por Nova York, em uma tomada longa, sem cortes e apenas com um sutil movimento de câmera. A câmera fixa enfoca uma calçada em plano aberto, enquanto no fundo do enquadramento, lentamente se aproximando, a dupla conversa.

Alvy: Eu ouvi bem. Ele murmurou: “judeu”.

Rob: Você é louco.

Alvy: Não sou, não. Saímos da quadra de tênis. Ele, eu e a esposa dele. Ele olhou para ela, os dois olharam para mim... e bem baixinho ele disse: “judeu”.

Rob: Você é um paranoico total.

Alvy: Como sou paranoico? Eu percebo estas coisas. Almocei com os caras da NBC, e eu disse: “já deu?”. Tom Christie disse: “Não. Judeu?” Não “Você já deu?”. Não “já deu?”, disse “judeu”? Entendeu?

Rob: Max...

Alvy: Pare de me chamar de Max.

Rob: Por quê? Soa bem para você. Você vê conspiração em tudo.

Alvy: Eu não. Fui a uma loja de discos. Escute. Tem um cara loiro e alto olhando para mim estranhamente. Ele diz: “Sim, o especial desta semana é Wagner”. Wagner, Max. Eu sei o que quer me dizer. Muito significativamente, Wagner.

Rob: Certo, Max. Califórnia. Sair desta cidade maluca.

Alvy: Esqueça.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

Rob: Mudamos para L.A. Onde mora o show business.

Alvy: Eu não quero viver em uma cidade onde a única vantagem cultural é virar à direita no farol vermelho. (ANNIE HALL, 0:05:59)⁴

Esta cena possui diversos elementos estéticos, simbólicos e narrativos que devem ser analisados. O primeiro é a opção por manter o olhar do espectador durante mais de um minuto em um único cenário. Algo raro no dinâmico cinema americano, marcado por cortes rápidos. Enquanto os personagens caminham, aproximando-se da câmera, é inevitável, considerando a longa duração do plano sequência, observar todos os elementos da vida urbana postos na tela: os transeuntes anônimos, os prédios, as placas, o movimento dos carros, as árvores, os sons. É notável como as falhas do cenário não são escamoteadas: há lixo no chão, a calçada e as pedras da mureta que a delimitam são desiguais, algumas árvores estão com os troncos descascados. Não há, ainda, uma idealização de Nova York. É uma cidade bela em sua imperfeição.

⁴ Alvy: *I distinctly heard it. He muttered under his breath "jew".*

Rob: *You're crazy.*

Alvy: *No, I'm not. We were walking off the tennis court. He was there and me and his wife. He looked at her, then they both looked at me and under his breath he said "jew".*

Rob: *You're total paranoid.*

Alvy: *How am I a paranoid? I pick up on those kind of things. I was having Lunch with guys from NBC, so I said, "did you eat yet?". Tom Christie said, "No jew?", Not "did you?". Not "did you eat?" but "jew eat?". You get it?*

Rob: *Max...*

Alvy: *Stop calling me Max.*

Rob: *Why? It's a good name for you. Max, you see conspiracies in everything.*

Alvy: *No, I don't. I was in a record store. Listen to this. There's this tall, blond crew-cutted guy and he's looking at me in a funny way. He's saying, "yes, we have a sale this week on Wagner". Wagner, Max. I know what he's trying to tell me. Very significantly, Wagner.*

Rob: *Right, Max. California, Max. Get the hell out of this crazy city.*

Alvy: *Forget it.*

Rob: *We move to sunny L. A. All of show business is out there.*

Alvy: *You keep bringing it up, but I don't want to live in a city where the only cultural advantage is you can make a right on a red light.*

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

Cena de *Annie Hall* (00:06:45)



Annie Hall foi filmado praticamente inteiro em locações reais. “Na época das filmagens, 1976, ainda não era comum como hoje em dia filmar nas ruas de Nova York. Com o tempo, isso se tornou uma verdadeira febre” (BARBOSA, 2002. p. 56). Com tanto tempo em tela ganhando a familiaridade do expectador, a Cidade, com C maiúsculo, torna-se algo mais do que cenário: é personagem. E é também tema do diálogo entre Alvy e Rob. Basicamente, decodificando todos os aspectos da conversa no que ela tem de satírica e deliberadamente exagerada, fala-se sobre o que é ser judeu em Nova York pelo ponto de vista de um judeu de Nova York. “Em termos amplos, a identidade judaica pode ser concebida como ‘a consciência de ser judeu’ – consubstanciada na pertinência a uma comunidade judaica e no fato de partilhar alguma coisa junto com outros judeus” (BRUMER, 1998. p. 178 – 179). Portanto, o tema da conversa é identidade, mas é também pertencimento. Pertencimento a um grupo social, a uma comunidade urbana reconhecível. A referência a Richard Wagner, por exemplo, é sintomática, em função do reconhecido antissemitismo do compositor e pelo uso político de sua música na Alemanha nazista. A citação a seu nome carrega uma série de implicações simbólicas aos descendentes e parentes dos judeus que passaram pelo Holocausto, e mesmo para aqueles que, assim como Allen e grande parte da população judaica americana, possuem basicamente relação indireta com o tema.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

2. Comédia realista baseado em diálogos

A questão do diálogo é fundamental para compreender o cinema de Woody Allen. Não há trilha sonora na abertura do filme. Apenas letras brancas sob um fundo preto. O primeiro som que se escuta é a voz de Woody Allen interpretando seu alter ego, Alvy. Ao longo da sequência citada tem-se, sobretudo, além do plano fixo e da movimentação progressiva dos personagens, suas falas. Por meio delas o trecho dramático se apresenta, quebrando assim a expectativa do cinema de entretenimento tradicional, pós-cinema mudo:

Quando comentam um roteiro, *script doctors*, produtores e críticos dizem que para ser cinematográfico um filme não pode fazer uso excessivo do verbal. O cinema fala com imagens, e precisa do silêncio. Personagens e narrativas não podem se apoiar nas falas. O mal cinema é que faz isso, afirmam em uníssono. Essa é a primeira regra que Woody Allen quebra. O cinema dele é falado. Mais que isso, é verborrágico, repleto de redundâncias verbais (BOLOGNESI, 2009. p. 148).

Em Woody Allen, não há restrição ao diálogo. É por meio do diálogo que Alvy é estabelecido como um neurótico judeu de Nova York, o que pode ser considerado como um estereótipo bastante difundido nos Estados Unidos. Estereótipo que mais adiante no filme também é alvo de ironia⁵. Não assistimos nada do que ele descreve. Não é possível definir com exatidão se houve ou não antissemitismo nos episódios descritos. Na realidade, essa informação importa pouco. O fundamental é o sentimento constante de perseguição do protagonista, seja real ou imaginário. Rob, interpretado pelo ator Tony Roberts, um WASP típico, sugere uma mudança para a Califórnia para arrefecer a neurose do amigo. Destaca que

⁵Ao conhecer sua primeira esposa, Alvy trava com ela o seguinte diálogo, traduzido para português.

Alvy: Qual é o seu nome?

Allison: Allison.

Alvy: É? Allison de quê?

Allisson: Portchnik.

Alvy: Portchnik? Bonito.

Allison: Obrigada.

Alvy: Você trabalha para Stevenson em tempo integral?

Allison: Não. Estou fazendo minha tese.

Alvy: Em quê?

Allison: Compromisso político na literatura do século 20.

Alvy: Você é tipo judia de Nova York, esquerdista, intelectual... Central Park. Univ. Brandeis, cursos de verão socialistas... e o pai com os desenhos do Ben Shahn... que gosta de greves... não me deixe fazer papel de idiota.

Allison: Maravilha! Adoro ser reduzida a um estereótipo cultural.

Alvy: Certo. Sou fanático, mas de esquerda. (Annie Hall, 0:14:48)

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

é em Los Angeles que “mora o *show business*”. Woody Allen sabe muito bem disso, mas a negativa de Alvy espelha e salienta seu projeto artístico de afastar-se da “meca do cinema” para conseguir fazer seu cinema pessoal.

A resposta do personagem é sintomática: “Eu não quero viver em uma cidade onde a única vantagem cultural é virar à direita no farol vermelho”. Ao mesmo tempo em que se baseia em um dado objetivo do planejamento urbano de Los Angeles, é também uma ironia com relação à situação política da época. O governador da Califórnia era o republicano Ronald Reagan, um conhecido ator da velha guarda de Hollywood, que, na década de 1940, entregou ao FBI uma lista de nomes da comunidade artística composta por, segundo seu juízo, comunistas ou simpatizantes do comunismo. Durante as perseguições do Macarthismo, Reagan se apresentou ao Comitê de Atividades Antiamericanas como um ferrenho anticomunista, um cidadão comprometido com o *american way of life*, o modo de vida americano.

Sublinhando essa passagem, mais adiante no filme, conhecemos uma coleção de *buttons* de Alvy. Resumem sua atuação como ativista político. Trazem os seguintes dizeres: “Destituir Eisenhower”, “Destituir Nixon”, “Destituir Lyndon Johnson” e “Destituir Ronald Reagan”. O republicano Eisenhower foi presidente dos Estados Unidos entre 1953 e 1961, seguido por John Kennedy. O democrata Lyndon Johnson, sucedendo Kennedy, foi presidente entre 1963 e 1969. O republicano Nixon, assumindo em 1969, renunciou em 1974. Assumiu em seu lugar Gerald Ford, permanecendo na Casa Branca até 1977. *Annie Hall* foi escrito e produzido sob o não citado Ford. Portanto, quando fez à referência a necessidade de destituir Ronald Reagan, o ex-ator conservador ainda não havia sido eleito e tampouco empossado presidente, fato que só ocorreria em 1981. Momento histórico em que, pensando livremente uma analogia, os Estados Unidos “viraram à direita” no farol vermelho da Guerra Fria.

Em outro diálogo com Rob, Alvy expõe sua visão sobre a diferença entre Nova York e o restante do país.

Alvy: Voltando ao que estávamos falando. A falha do país de controlar Nova York é antissemitismo.

Rob: Max, a cidade é pessimamente mal administrada.

Alvy: Não falo de política nem economia. Se trata de prepúcio.

Rob: Sempre que algum grupo discorda de você é antissemita.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

Alvy: O resto do país pensa que Nova York é de esquerdistas, comunistas, judeus, homossexuais, pornógrafos. Às vezes, eu penso isso de nós.

Rob: Max, se morássemos na Califórnia, jogaríamos ao sol todo dia.

Alvy: O sol faz mal. Tudo que nossos pais disseram que era bom é ruim. Sol, leite, carne, faculdade (ANNIE HALL, 00:23:52).⁶

Apesar dessas e de outras citações marcadamente políticas, incluindo possíveis conspirações durante a feitura do relatório da Comissão Warren, responsável por investigar o assassinato de John Kennedy, *Annie Hall* não é um filme que se apresenta abertamente como político. Na verdade, com *Annie Hall*, Woody Allen reinventou um dos gêneros mais tradicionais de Hollywood, a comédia romântica. Com títulos como *Aconteceu Naquela Noite* (1934), de Frank Capra, *A Levada da Breca* (1938), de Howard Hawks, e *A Princesa e o Plebeu* (1953), de William Wyler, tendo estabelecido as regras do gênero, Woody Allen produziu uma inversão tanto dos papéis desempenhados pelos personagens quanto do sentido geral da narrativa. Ao invés da narrativa cronológica de encontros e desencontros, usou fartamente *flashbacks*, metalinguagem, com especial utilização de quebra da quarta parede (o ato de conversar com o público, como se estivesse em uma apresentação ao vivo).

Talvez a mudança mais significativa tenha sido no perfil do protagonista masculino, redefinindo-o para caber em sua *persona* artística. No modelo anterior, o personagem interpretado por Allen, um intelectual inseguro e hipocondríaco, seria no máximo o amigo excêntrico do herói romântico. Aqui ocupa o lugar de protagonista⁷, ficando o WASP típico no papel do amigo, e a personagem feminina não como um objetivo a ser alcançado, com a simbologia de representar a felicidade final e incontestada, mas como um episódio exemplar em sua trajetória. Nota-se que “em quase todos os filmes que têm por título o nome de um personagem, esse personagem é o protagonista (o filme chama-se *Annie Hall* no original). Entretanto, no caso, o personagem central é Alvy e não Annie. Essa é a história da

⁶ Alvy: *To get back to what we were discussing. The failure of the country to get behind New York City is anti-semitism.*

Rob: *Max, the city is terribly run.*

Alvy: *I'm not discussing politics or economics. This is foreskin.*

Rob: *That's a convenient out. When some group disagrees with you, it's anti-semitism.*

Alvy: *The rest of the country looks upon New York like we're left-wing, communist, jewish, homosexual pornographers. I think of us that way sometimes and I live here.*

Rob: *Max, if we lived in California, we could play outdoors every day in the sun.*

Alvy: *Sun is bad for you. Everything our parentes said was good is bad. Sun, milk, red meat, college.*

⁷ Como resultado, os protagonistas posteriores ficaram estranhos e seus amigos estranhos ficaram ainda mais estranhos, vide *Um Lugar Chamado Notting Hill* (1999) e *Alta Fidelidade* (2000).

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

vida dele e seu objetivo é a busca de algum tipo de felicidade” (HOWARD; MABLEY, 2002, p. 373). O protagonismo feminino, que o título indubitavelmente sugere, não se realiza, com a justificativa de que toda a narrativa se dá por meio do ponto de vista de um homem envolvido com uma mulher complexa, que ele tenta, mas não consegue compreender. O que lhe resta é procurar transformá-la em personagem de sua narrativa pessoal, o que se dá no fim do filme, quando descobrimos que Alvy estetizou suas memórias sobre Annie Hall, convertendo-as em uma peça de teatro com um final feliz e banal.

O projeto de comédia realista de Woody Allen teve diversos títulos de trabalho. O primeiro e principal foi *Anhedonia*, em português “Anedonia”, palavra que designa uma situação clínica psicológica que gera no paciente a incapacidade de sentir prazer. Esse título foi abandonado por determinação dos executivos do estúdio United Artists, que não conseguiram criar uma campanha publicitária que conseguisse explicar para o público o significado do termo médico. Foram sugeridos como substitutos “*It had to be a jew*”, ou “Tinha que ser um judeu”, e “*Me and my goy*”, ou “Eu e minha góy”, que fortaleciam e sublinhavam desnecessariamente o aspecto étnico do enredo. O filme não é apenas sobre um judeu, é também sobre um judeu. “A identidade judaica já não é dada de forma quase ‘natural’” (BRUMER, 1998. p. 183), não constituindo um tema monolítico na arte produzida por judeus na modernidade.

Allen, em consenso com os produtores, acabou optando pela simplicidade de *Annie Hall*. Uma simplicidade que nada tem de simplista, pois “Annie Hall é o nome de uma mulher elevado pelo jogo de palavras ao status de lugar: hall é salão, o lugar nobre de qualquer edificação, o lugar público onde os relacionamentos se expõem” (BOLOGNESI, 2009. p. 148). Do hall para a cidade. “Allen parece acreditar que alguns desses grandes amores permanecem na memória como uma esquina na cidade grande” (MENDONÇA FILHO, 2009. p. 146).

Sabe-se que “originalmente, o filme incluía um enredo secundário envolvendo um assassinato, mas foi inteiramente cortado; de uma versão não acabada de 140 minutos, o filme passou para 94 minutos (...) é um filme a respeito de um homem em permanente busca de falhas na perfeição” (EBERT, 2006, p. 371). Essa narrativa paralela colocava em segundo plano a relação amorosa de Alvy e Annie, transformando-os acima de tudo, antes de ser um

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

casal, em parceiros de aventura. “No roteiro, um professor ginásial de filosofia, chamado dr. Levy⁸, seria encontrado morto, num aparente suicídio, atirando-se da janela de seu escritório. Annie e Alvy já eram os protagonistas nesta versão. Alvy, conhecedor das teorias do professor sobre a vida, achava que seu suicídio era uma hipótese impossível. Provariam que ele tinha sido assassinado” (LAX, 1991, p. 287).

Durante o desenvolvimento do projeto, estabeleceu-se que *Annie Hall* não deveria ser uma narrativa policiaisca com ecos românticos, mas uma comédia romântica contemporânea.

A “comédia romântica” como gênero cinematográfico ocupa subdivisão importante no mercado, em filmes cuspidos pela máquina industrial a partir de fórmulas matemáticas de um romantismo, em grande parte, mecânico (...) Isso talvez reflita a natureza “pra frentex” (termo daquela época) do filme, cujos traços comportamentais ainda existem nos tons cinza, especialmente se contextualizarmos *Noivo Neurótica, Noiva Nervosa* dentro do gênero “comédia romântica”, em que os tons são geralmente cor de rosa-choque (MENDONÇA FILHO, 2009. p. 146).

Annie Hall é cínico, irônico e, embora alguns aspectos de sua dramaturgia sejam surreais, realista. O perfil da protagonista feminina, cujo nome dá título ao filme, é definidor nesse sentido. É uma boa cantora, mas não particularmente talentosa. É cheia de complexos e sentimento de culpa. Sua família é fria e distante, com óbvios problemas sentimentais escamoteados. Gosta de ler poesia, mas não é particularmente culta. Não há idealizações românticas. Em seu pessimismo, para Alvy, sua amada Annie é miserável e deve se sentir feliz por isso.

Explica para ela, em uma livraria:

Alvy: Acho que me obceco pela morte. É um assunto que gosto. Tenho uma visão pessimista da vida. Se vamos sair juntos você precisa saber. A vida é dividida em horrível e miserável. Duas categorias. Horrível seriam casos terminais, gente cega, inválidos. Não sei como eles vivem. Acho incrível. E miserável é todo o resto. Quando passar pela vida, agradeça por ser miserável. Sorte sua ser miserável (ANNIE HALL. 0:36:38).⁹

⁸ A história do Dr. Levy seria retomada em *Crimes e Pecados*, de 1989. Não por acaso, o último capítulo da Tetralogia de Nova York.

⁹ *lvy: I'm obsessed with death, I think. It's a big subject with me. I have a pessimistic view of life. You should know this about me if we're going to go out. I feel that life is divided up into the horrible and the miserable. Those are the two categories. The horrible would be like terminal cases and blind people, cripples. I don't know*

RIBEIRO, Roberta do Carmo. A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).

Annie Hall, a personagem, é tão real quanto possível. Inclusive ancorada na persona da atriz que a representa. O nome verdadeiro de Diane Keaton é Diane Hall, sendo seu apelido Annie.

Em sua autobiografia, Diane Keaton lembrou que

Filmar *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* foi tranquilo (...). Ninguém tinha expectativas sérias. Só estávamos nos divertindo, passando pelos pontos turísticos de Nova York (...) A direção de Woody era a mesma. Liberdade nos diálogos. Sem marcação. Mexa-se como uma pessoa de verdade. Não dê tanta importância às palavras e vista o que quiser (KEATON, 2012. p. 117 – 118).

De fato, o figurino da personagem, que se tornaria moda entre as mulheres mais sofisticadas e libertárias, foi retirado do guarda-roupa pessoal da atriz.

Diferente de Alvy, sempre delimitado por sua zona de conforto, Annie anseia por novas experiências. O uso de entorpecentes é uma delas. Durante uma festa, um grupo de amigos mostra uma caixa repleta de cocaína.

Amigo: Coisa boa, Alvy. Um amigo trouxe da Califórnia.
 Annie: Não contei. Iremos pra Califórnia na semana que vem.
 Alvy: É muito legal. Meu agente me aconselhou a vender e darei uma declaração na TV.
 Annie: Não é isso. Alvy entregará um prêmio na TV. Age como se violasse uma questão moral.
 Alvy: Que chato. Temos de sair de Nova York no Natal. Eu detesto.
 Amigo: Enquanto estiver na Califórnia, pode me arrumar um pozinho?
 Alvy: Claro. Colocarei no salto oco da minha bota. (ANNIE HALL. 1:10:50)¹⁰

A conclusão cômica da cena é uma das mais famosas da filmografia de Woody Allen. Logo após ser informado do alto valor monetário da droga em suas mãos, Alvy espirra na caixa de cocaína, espalhando pó branco por todo o ambiente. O aspecto de comédia-

they get through life. It's amazing to me. And the miserables is everyone else. So when you go through life, be thankful that you're miserable. You're very lucky to me miserable.

¹⁰ *Friend: It's gret stuff, Alvy. A friend just brought in from California.*

Annie: I didn't tell you. We're going to California next week.

Alvy: It's really a thrill, as you know. On my agent's advice, I sold out and am going to do a TV appearance.

Annie: That's not it a all. Alvy's giving and award on TV. You act like you're violating a moral issue.

Alvy: It's so phony. We have to leave New York during Christmas. It kills me.

Amigo: Listen, while you're in California, could you score some coke for me?

Alvy: Sure, be glad to. I'll just put it in the hollow heel on my boot.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

pastelão da cena não esconde seu sentido subjacente: Woody Allen estabelece uma conexão direta e depreciativa entre o consumo de entorpecentes e a cidade de Los Angeles. Nas entrelinhas, denuncia que a felicidade ensolarada presente na imagem pública da Califórnia é artificial e superficial. O mesmo ocorre em outra sequência em que pede a Annie Hall que não consuma maconha antes de terem relações sexuais, pois os efeitos da droga se sobreporiam ao prazer erótico real, mascarando-o.

3. Uma cidade artificial

Esse artificialismo de Los Angeles é reforçado quando Alvy e Annie vão visitar Rob, que finalmente se mudou para a Costa Oeste. Segundo o historiador inglês Paul Johnson, em seu livro *História dos Judeus*, o povo judeu assumiu ao longo dos milênios a reputação de serem “os exemplos mais perfeitos do ‘estrangeiro e do hóspede temporário’” (1995, p. 622).

É exatamente assim que Alvy se comporta na Califórnia. Contribui o fato de terem chegado às vésperas do Natal. Evidencia-se que os signos tradicionais do período natalino no Hemisfério Norte se apresentam deturpados ou inexistentes. Não há neve, o sol está fortíssimo e um trenó do Papai Noel em tamanho natural foi colocado em um gramado muito verde diante do qual eles passam de carro.

Os amigos conversam.

Rob: Nunca fiquei tão relaxado como depois que me mudei para cá. Venha ver minha casa. Sou vizinho de Hugh Hefner. As mulheres parecem da Playboy, mas mexem os braços e as pernas.

Annie: Não acredito que aqui é Beverly Hills.

Alvy: A arquitetura é uniforme. Estilo francês com espanhol... mais Tudor e japonês.

Annie: É tão limpo aqui.

Alvy: Eles não jogam lixo fora. Transformam em programas de TV.

Rob: Por favor, é Natal.

Alvy: Acredita que é Natal?

Annie: Estava cinzento e nevando em Nova York.

Alvy: Legal. O Papai Noel vai pegar insolação.

Rob: Max, não tem crime, nem assalto.

Alvy: Não há crime econômico..., mas há assassinatos rituais, de cultos religiosos. Há assassinos de germens de trigo aqui (ANNIE HALL. 1:11:43).¹¹

¹¹ Rob: *I've never been so relaxed as I have been since I moved out here. I want you to see my house. I live next to Hugh Hefner. And the women are like in Playboy but they can move their arms and legs.*

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

É um diálogo focado em elementos de comparação. Los Angeles é limpa, Nova York é suja. Em Los Angeles não há crime, em Nova York se vive uma crise de segurança. Em Los Angeles, as garotas da Playboy estão vivas. As respostas de Alvy, ancoradas visualmente na evidência da artificialidade do natal californiano, centram-se na crítica do que se esconde por trás da aparente perfeição urbana de Los Angeles. A própria arquitetura da cidade é mostrada como esquizofrênica, misturando estilos de forma aleatória. Não se trata de ecletismo estético, mas de ajuntamento de modismos que acabam por se acumular na paisagem criando uma “uniformidade” disforme. Nesse aspecto, ao pensar Los Angeles, Woody Allen desconstrói suas pretensões de ser uma “cidade ideal” reforçando que

Seu informalismo não tem relação alguma com o formalismo pragmático das cidades ideais, se bem que seja significativo o fato de os arquitetos modernos imaginarem como ideal uma cidade “informal”, não no sentido de que não tenha forma, mas no sentido de que teria todas as formas que pode assumir na experiência de quem vive nela (ARGAN, 2005, p. 76).

Essa é justamente a questão. Allen, independentemente de estar certo ou errado, não aprova o estilo de vida californiano, estendendo a isso sua apreciação das construções resultantes de tal vivência.

Também por isso, a pretensa limpeza da cidade seria produto de sua sociedade pasteurizada e superficial, falsamente espiritualizada, que confunde cultura com entretenimento, o que, segundo Alvy, pode ser constatado no tipo de programação televisiva que é produzida, e consumida, ali.

Annie: I can't get over that this is really Beverly Hills.

Alvy: The architecture is really consistent. There's French next to Spanish next to Tudor next to Japanese.

Annie: It's so clean out here.

Alvy: Because they don't throw garbage away. They make it into TV shows.

Rob: Give us break. It's Christmas.

Alvy: Can you believe this is Christmas.

Annie: It was snowing and really gray in New York.

Alvy: Nice. Santa Claus will have sun stroke.

Rob: Max, there's no crime, there's no mugging.

Alvy: Não há crime econômico..., mas há assassinatos rituais, de cultos religiosos. Há assassinos de germens de trigo aqui. There's no economic crime... but there's ritual, religious cult murders. There's wheat-germ killers out there.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

A aparente inexistência de criminalidade se disfarça pelo fato de que os criminosos não são membros do submundo, mas cidadãos comuns fanatizados, frequentadores de festas e colunas sociais. Daí a indicação de que são “assassinos de germens de trigo”, numa referência ao ambiente de limpeza pasteurizada no qual vivem, difundida em comerciais televisivos de sabonete veiculados largamente nas décadas de 1970 e 1980, que popularizaram a expressão “germens de trigo” para definir ambientes bucólicos e arborizados. Esse trecho se refere aparentemente ao assassinato da atriz Sharon Tate, esposa do cineasta Roman Polanski, por membros da seita mística liderada por Charles Manson no dia 09 de agosto de 1969, no bairro de Bel Air, em Los Angeles. O violentíssimo crime abalou Hollywood. Charles Manson era conhecido como um aspirante a cineasta e compositor, circulando pelos eventos sociais hollywoodianos.

E é em um desses eventos, levados por Rob, que Alvy e Annie Hall reencontram Tony, um empresário e produtor musical interpretado pelo cantor e compositor Paul Simon, que anteriormente havia se interessado por uma apresentação feita por Annie Hall em uma boate. Ao chegar ao local do encontro, Alvy ironiza o hábito californiano de somente se locomover de automóvel: “Não me diga que vamos andar do carro até a casa? Meus pés não tocaram o chão desde que cheguei em Los Angeles” (ANNIE HALL, 01:14:52)¹². Depois da festa, conversam com Tony:

Tony: Ainda moram em Nova York?

Alvy: Sim. Eu adoro lá.

Tony: Morei lá muitos anos, mas ficou tão suja.

Alvy: Gosto de lixo. É isso. (ANNIE HALL. 1:16:59).¹³

Novamente, a questão da degradação urbana experimentada por Nova York é mencionada, com Alvy justificando sua permanência e defesa da cidade como fruto de uma opção inteiramente pessoal e inevitável, ironicamente porque “gosta de lixo”. Chrisanne Beckner observa que

¹² *Don't tell me we're going to have to walk from the car to the house? My feet haven't touched pavement since I reached Los Angeles.*

¹³ *Tony: But you guys are still New Yorkers?*

Alvy: Yeah, I love it there.

Tony: I used to live there for yers, but it's dirty now.

Alvy: I'm into garbage. It's my thing.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. *A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977)*.

A mística de Nova York fez dela a metrópole comercial mais conhecida do mundo e um centro de cultura, da liberdade e da intelectualidade do país. É impossível resumir a turbulenta personalidade da cidade, evidenciada por gigantescos arranha-céus, ruas superlotadas, incessante vida noturna e por sua população formada, entre outros, por artistas pop, milionários e intelectuais (2003, p. 164).

Porém, após essa descrição idílica, Beckner não se furta em lembrar que “por volta de 1960, no entanto, altos impostos e um acentuado índice de criminalidade mancharam sua imagem, o que desencadeou a fuga da maior parte das empresas com sede na cidade” (2003, p. 164). A observação de Tony de que Nova York tornou-se “suja demais”, fazendo-o sair, insere-se nesse contexto. Por outro lado, Los Angeles, onde “mora o show business” de acordo com Rob, não seduz Alvy. O mesmo não ocorre com Annie Hall. O casal rompe sua relação e ela vai viver na Califórnia, empresariada, e possivelmente vivendo um romance com Tony. Arrependido, Alvy a procura e a pede em casamento. Annie Hall recusa.

Alvy: Por que quer morar aqui? Parece a Terra de Duendes.

Annie: Como assim? Aqui é ótimo. Tony é bonzinho. Conheço gente, vou a festas e jogo tênis. É um grande passo para mim. Curto mais as pessoas.

Alvy: Você não voltará para Nova York?

Annie: O que há em Nova York? É uma cidade morta. Você leu *Morte em Veneza*.

Alvy: Você só leu *Morte em Veneza* quando eu comprei para você.

Annie: Verdade. Você só me dava livros com a palavra “morte” no título.

Alvy: É um assunto importante.

Annie: Você é incapaz de curtir a vida, sabia? É como a cidade de Nova York. É esta pessoa. Como uma ilha em si mesma.

Alvy: Não curto nada se todos não curtirem. (ANNIE HALL. 1:23:31).¹⁴

Alvy é acusado de ser, assim como Nova York, mais precisamente Manhattan, uma ilha. Homem e cidade se tornam uma amálgama. Imagem que, obviamente, estendeu-se à

¹⁴ Alvy: *Why, you want to live out here? It's like living in Munchlinland.*

Annie: *What do you mean? It's perfectly fine out here. Tony's very nice. I meet people, go to parties and play tennis. That's a very big step for me. I'm able to enjoy people more.*

Alvy: *You're not going to come back to New York?*

Annie: *What's great about New York? It's a dying city. You read *Death in Venice*.*

Alvy: *You didn't read *Death in Venice* until I bought it for you.*

Annie: *That's right. You only gave me books with the word "death" in the title.*

Alvy: *Because it's na important issue.*

Annie: *You're incapable of enjoying life. You know that? You're like New York City. You're just this person. You're like this island. Unto yourself.*

Alvy: *I can't enjoy anything unless everybody is.*

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

figura pública do cineasta. O crítico de cinema Sérgio Augusto de Andrade comentou que “talvez Woody Allen adore tanto sua cidade porque, como ele, Nova York também é uma ilha – os dois continuam fechados sobre si de uma forma que já deixou de ser sistemática para ser definitivamente obsessiva” (DEFANTI; MENEZES, 2009). De fato, a cidade de Nova York, em sua imagem consagrada e raramente negada por seus cidadãos, apresenta-se como estanque do restante dos Estados Unidos.

Cidade de toda pressa, definitiva e sem amanhã – muito longe de qualquer forma democrática de representação. Em Nova York, as pessoas só representam a si mesmas, e não o resto da sociedade. A cidade só representa a si mesma, e não o resto dos Estados Unidos. É isso que lhe dá sua importância. Detector, captador de prestígio, o charme dessa cidade consiste em ter transformado não só o resto dos Estados Unidos, mas o resto do mundo em província (BAUDRILLARD, 2011, p. 84-85).

Voltando para sua cidade-ilha, Alvy escreve uma peça de inspiração autobiográfica em que refaz sua história com Annie Hall de acordo com suas expectativas. O espectador do filme assiste a um ensaio da montagem, em que ocorre um final feliz. Dirigindo-se à câmera, quebrando a chamada “quarta parede”, Alvy se justifica pela falsificação narrativa: “O que você quer? É minha primeira peça. Sabe como sempre tentam fazer tudo sair perfeito em arte... porque na vida real é difícil” (ANNIE HALL, 01:28:52).¹⁵

Na vida real, o filme *Annie Hall* foi muito bem recebido por público e crítica. O DVD comercial lançado no Brasil apresenta na contracapa o trecho de uma crítica da revista *Saturday Review* preconizando que nessa obra Woody Allen havia “completado a jornada de cômico a humorístico, de cineasta inventivo a artista criativo”. Apesar das ironias de Woody Allen à indústria do cinema, a Academia de Hollywood consagrou *Annie Hall* na cerimônia do Oscar¹⁶. Indicado em cinco categorias, o longa-metragem ganhou as láureas de melhor filme de 1977, melhor diretor, melhor atriz para Diane Keaton, melhor roteiro original, que Woody Allen dividiu com seu colaborador Marshall Brickman. Perdeu apenas o Oscar de

¹⁵ *What do you want? It was my first play. You know how you're always trying to get things to come out perfect in art because it's real difficult in live.*

¹⁶ Em uma das piadas do filme, Woody Allen ironiza o que considera a obsessão de Hollywood por prêmios, dizendo que: “Eles só entregam prêmios. Não acredito! Maior ditador fascista: Adolf Hitler” (ANNIE HALL, 01:25:45).

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

melhor ator para a atuação de Richard Dreyfuss no filme *A Garota do Adeus*, no que pessoalmente considero um resultado questionável.

Em todo caso, tamanha consagração foi uma atitude corajosa da comunidade artística de Hollywood. *Annie Hall* disputava diretamente com o grande sucesso crítico e popular *Guerra nas Estrelas*, dirigido por George Lucas, obra responsável por modificar todo o paramento do cinema de entretenimento jovem. *Guerra nas Estrelas* é um filme de fantasia movimentado e inspirador, ao passo que *Annie Hall*, “contêm mais sutilezas intelectuais e referências culturais do que qualquer outro dos premiados com o Oscar de melhor filme” (EBERT, 2006. p. 368). Algumas são de uma originalidade surpreendente, e surreal, como a cena com a participação especial do pensador da “aldeia global” Marshall McLuhan¹⁷. Outras são verdadeiras homenagens a ícones da cidade de Nova York, como o “vencedor do concurso de sócias de Truman Capote”, sendo na verdade o próprio jornalista e romancista Truman Capote fazendo uma participação especial não creditada. Um dos textos mais célebres de Capote, publicado em 1946, é o ensaio intitulado simplesmente “Nova York”, no qual escreveu que:

é um mito, a cidade (...) Essa ilha, flutuante em águas de rio como um iceberg diamante, chame-a Nova York, chame-a como quiser; o nome pouco importa porque, chegando nela da realidade de qualquer outro lugar, o que se procura é só a cidade, um lugar para se esconder, para perder-se ou encontrar-se, para criar um sonho no qual se possa provar que, talvez, você não seja um patinho feio (2010, p. 19).

A descrição parece perfeita demais. Saindo da Califórnia, Woody Allen achou em sua cidade natal o lugar ideal para se esconder da dinâmica massacrante da indústria cultural da Costa Oeste dos Estados Unidos. Encontrou em Nova York o cenário para desenvolver a proposta estética da fase madura de sua carreira. O resultado foi o reconhecimento da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, elevando-se de um ator étnico, viabilizado comercialmente na esteira de Dustin Hoffman, para a condição de um legítimo criador cinematográfico.

Mas, escondendo-se ainda mais em Nova York, Woody Allen não compareceu à cerimônia do Oscar. Atitude que se tornaria um hábito nas décadas seguintes.

¹⁷ Inicialmente, os convidados para participarem da cena foram os cineastas Federico Fellini e Luis Buñuel.

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

Sintomaticamente, uma das piadas mais significativas do filme é justamente uma citação ao humorista Groucho Marx, uma das grandes influências de Woody Allen, com Alvy dizendo que sua vida “é como a velha piada atribuída a Groucho Marx... que não quero participar de nenhum clube que me aceite como sócio” (ANNIE HALL, 00:18:01)¹⁸. Confirmando e ao mesmo tempo expandindo o universo ficcional de *Annie Hall*, seria esse clube Hollywood? O sim parece ser uma resposta crível. A partir daí, definitivamente, Nova York passou a ser sua cidade símbolo e sede criativa.

Referências

Audiovisuais

ANNIE HALL (Annie Hall, EUA, 1977). Direção e roteiro: Woody Allen. Elenco: Woody Allen, Diane Keaton, Tony Roberts, Paul Simon. Comédia. Cor. Som. DVD. 93 minutos.

Bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AUSTER, Paul. **A Trilogia de Nova York**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARBOSA, Neusa. **Woody Allen: gente de cinema**. São Paulo: Papagaio, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total – mito-ironias do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BECKNER, Chrisanne. **100 cidades**. São Paulo: Ediouro, 2003.

BOLOGNESI, Luiz. O palhaço vai ao divã. In: DEFANTI, Angelo; MENEZES, Inez (Orgs.). **A elegância de Woody Allen**. Rio de Janeiro: Sobretudo Produções, 2009. p. 148 – 149.

BRUMER, Anita. A Identidade Judaica em Questão. In: SLAVUTZKY, Abrão (org.). **A Paixão do Ser: depoimentos e Ensaios sobre a Identidade Judaica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 175 – 191.

CAPOTE, Truman. **Ensaio**. São Paulo: Leya, 2010.

¹⁸ *There's an old joke ins one asually attributed to Groucho Marx... I never want to belong to any club that would someone like me for a member.*

RIBEIRO, Roberta do Carmo. **A COMÉDIA SÉRIA DE WOODY ALLEN: NOVA YORK COMO NEGAÇÃO DE LOS ANGELES/HOLLYWOOD EM ANNIE HALL (1977).**

EBERT, Roger. **Grandes Filmes.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HOWARD, David; MABLEY, Edward. **Teoria e prática do roteiro.** São Paulo: Globo, 2002.

JOHNSON, Paul. **História dos Judeus.** Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LAX, Eric. **Conversas com Woody Allen.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LAX, Eric. **Woody Allen, uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LEÃO, Luiz Geraldo de Miranda. **Críticas.** São Paulo: Imprensa de São Paulo, 2006.

MENDONÇA FILHO, Kleber. Um inusitado e natural conquistador. In: DEFANTI, Angelo; MENEZES, Inez (Orgs.). **A elegância de Woody Allen.** Rio de Janeiro: Sobretudo Produções, 2009. p. 146 – 147.

NÓVOA, J; FRESSATO, S. B; FEIGELSON, K. (Orgs). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história.** Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da UNESP, 2009. p. 393 – 408.

QUINSANI, Rafael Hansen. **A Revolução em película: a relação cinema-história e a transformação do paradigma historiográfico.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-graduação em História. Porto Alegre, BR-RS, 2015.

ROSENSTONE, Robert. Oliver Stone: historiador da América recente. In: NÓVOA, J; FRESSATO, S. B; FEIGELSON, K. (Orgs). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história.** Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da UNESP, 2009. p. 393 – 408.

KEATON, Diane. **Agora e Sempre: memórias.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Recebido em 18/11/2021
Aprovado em 20/12/2021